

**O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
COMO AS BRINCADEIRAS PODEM AJUDAR NESSE PROCESSO.**

***THE DEVELOPMENT OF ORALITY IN CHILDREN EDUCATION: HOW
THE JOKES CAN HELP IN THIS PROCESS.***

Maria Eduarda Sanchez Marioto¹

Fabiana Vigo Azevedo Borges²

RESUMO

Apresenta-se uma pesquisa que investigou o desenvolvimento da oralidade na Educação Infantil, compreendendo a contribuição das brincadeiras neste processo, bem como, pontuando o papel do professor nesta etapa de ensino. A oralidade é compreendida como a comunicação verbal de ideias, sentimentos, conhecimentos e interações do ser humano. Seu desenvolvimento está ligado aos estímulos, experiências e vivências oportunizadas pela família e na escola, que deve proporcionar a participação ativa dos alunos em diversas situações comunicativas, permitindo a explicitação de seus interesses e opiniões. Esse estudo objetivou compreender o desenvolvimento da oralidade na Educação Infantil a partir da análise do referencial teórico e demonstrar o papel das brincadeiras neste processo, pois ao brincar as crianças aprendem e se desenvolvem. Essa pesquisa possui caráter qualitativo, construída pela pesquisa bibliográfica, apoiada na análise interpretativa dos principais autores e orientações legais sobre a temática, considerando-se a perspectiva de Silva e Valiengo (2010), Marcuschi (2010), Lima (2013), Vygotsky (1987), bem como, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998) e a Base Nacional Comum Curricular (2017). Para a realização desta pesquisa relacionou-se as diversas orientações teóricas com as definições legais, construindo uma análise interpretativa. Entre os resultados apontamos a importância das brincadeiras de roda e as cantigas para o desenvolvimento da oralidade na Educação Infantil e o papel do docente para organizar e sistematizar situações

¹ Graduação em Pedagogia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: duda_sanches.2@hotmail.com

² Docente em Pedagogia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: fabianaborgesvigo@hotmail.com

estimulantes de aprendizagem e vivência. Com o trabalho foi possível concluir que exploração de brincadeira na Educação Infantil contribui de modo significativo para o desenvolvimento da capacidade de oralidade das crianças.

Palavras-chave: Oralidade. Educação Infantil. Brincadeiras. Cantigas.

ABSTRACT

We present a research that investigated the development of orality in Early Childhood Education, including the contribution of the games in this process, as well as punctuating the role of the teacher in this stage of teaching. Orality is understood as the verbal communication of ideas, feelings, knowledge and interactions of the human being. Its development is linked to the stimuli, experiences and experiences offered by the family and in the school, which should provide the active participation of the students in diverse communicative situations, allowing the explication of their interests and opinions. This study aimed to understand the development of orality in Early Childhood Education based on the analysis of the theoretical reference and to demonstrate the role of play in this process, because when playing children learn and develop. Marcuschi (2010), Lima (2013), Vygotsky (2010), Marcuschi (2010), Lima (2013), and Marcuschi (2010). This research has a qualitative character, built by the bibliographical research, supported by the interpretative analysis of the main authors and legal guidelines on the subject. 1987), as well as the National Curriculum Framework for Early Childhood Education (1998) and the National Curricular Common Core (2017). For the accomplishment of this research the diverse theoretical orientations with the legal definitions were related, constructing an interpretative analysis. Among the results we pointed out the importance of wheel games and songs for the development of orality in Early Childhood Education and the role of the teacher to organize and systematize stimulating situations of learning and living. With the work, it was possible to conclude that exploitation of play in Early Childhood Education contributes in a significant way to the development of the orality of children.

Key words: Orality. Child education. Just kidding. Cantigas.

INTRODUÇÃO

A oralidade esta presente na vida do ser humano desde o nascimento, já que os bebês ao emitir sons diversos buscam se comunicar com o meio exterior. Dessa forma desde cedo buscamos um forma de comunicação com o mundo de forma a participarmos e interagirmos da sociedade em que vivemos. Conforme crescemos diferentes capacidades de comunicação são desenvolvidas, iniciando-se pela compreensão, contextualização, gramaticalização, estrutura linguística indo ate ao aperfeiçoamento (SILVA e VALIENGO, 2010).

Diante disso podemos afirmar que a linguagem permite a compreensão do mundo e de seus significantes e significados, ou seja, a linguagem é um instrumento fundamental para a construção do pensamento assim como, das relações sociais. “A linguagem, quando usada como representação e como ferramenta de reflexão, possibilita a tomada de consciência, a iniciativa, a comunicação e as relações sociais” (KISHIMOTO 2005, p.58).

Mas apesar de nascermos com a capacidade de comunicação, durante o começo de nossa vida precisamos desenvolver e aperfeiçoar essa nossa capacidade. Esse desenvolvimento ocorre mediante as atividades realizadas pelo indivíduo e por meio das aprendizagens e estimulação realizada pelo adulto falante ou pelas interações com os pares. Nos seis primeiros anos de vida os estímulos para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das palavras devem ocorrer de forma intensa (SILVA e VALIENGO, 2010). Por essa razão é essencial que na Educação Infantil (de 0 a 5 anos) ocorra o planejamento sistemático de atividades que explorem a oralidade e o desenvolvimento da linguagem.

Dessa forma, podemos dizer que as primeiras experiências escolares na Educação Infantil (de 0 a 5 anos) são relevantes para o desenvolvimento da oralidade. A intencionalidade positiva do professor, nesta fase do ensino, para a comunicação oral é responsável por incluir o indivíduo na realidade humana oferecendo-lhe aconchego, sistematização do pensamento, contato com o nome e a função dos objetos, conhecimento da linguagem oral. Enfim, nesse processo, o professor apresenta e conseqüentemente inclui a criança à cultura humana (SILVA e VALIENGO, 2010).

Sendo assim, realizamos um estudo que objetivou compreender e discutir o desenvolvimento da oralidade na Educação Infantil a partir da análise do referencial teórico e demonstrando o papel das brincadeiras neste processo, pois ao brincar as crianças aprendem e se desenvolvem. O tema surgiu devido a extrema importância que a oralidade tem na vida dos alunos, a qual precisa ser trabalhada de forma a promover o desenvolvimento nesses alunos pelo auxílio das brincadeiras nesse processo.

Para a realização desse trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas e obras relacionadas ao tema, como artigos e livros, bem como as orientações legais, a fim de abordar de forma geral o desenvolvimento da oralidade nas crianças durante a educação infantil, observando como os professores podem promover esse desenvolvimento com o auxílio das atividades lúdicas para se trabalhar a oralidade em sala de aula.

Para apresentação dos dados estudados, realizamos um artigo dividido em três seções complementares. Na primeira foi realizada uma retomada teórica que apresenta a definição do brincar e contextualizamos a Educação Infantil. Na segunda seção procuramos compreender a oralidade para entendermos o seu desenvolvimento por meio de atividades na Educação Infantil, bem como associamos a brincadeira como fator de desenvolvimento na Educação Infantil. Na terceira seção apresentamos Quando pensamos no ato de brincar logo nos vem à cabeça, a imagem de crianças brincando, com brinquedos ou com brincadeiras, se divertindo com os amigos ou individualmente, ou seja, realizando uma atividade que é essencial para o seu desenvolvimento. Dessa forma, o brincar faz parte do seu cotidiano, contribuindo para diversos aspectos, como físico, mental e social.

Mas, como podemos definir o brincar? Segundo o dicionário Priberam on-line (2008-2013), brincar é:

os, estabelecendo a relação entre elas visando seu desenvolvimento na Educação Infantil. Por fim apresentamos as considerações finais.

1- Compreendo o brincar: o lúdico e as crianças

1. Divertir-se.
2. Entreter-se com alguma coisa infantil.
3. Galhofar; gracejar.

4. Proceder levemente.³
(PRIBERAM, 2008-2013)

Diante dessas acepções podemos destacar a diversão e o entretenimento numa atividade humana, ligada ao aprendizado cultural que se expressa de diversas formas, pois o ato de brincar está presente em diversas situações da vida, traduzindo-se em jogos, brinquedos em forma de objetos, encontros de amigos, etc. Ou seja, o brincar se refere a ações humanas que possuem caráter lúdico e que pode envolver objetos que são utilizados para a realização da atividade.

A perspectiva sócio histórica e cultural baseada na teoria histórico-cultural, que acredita o desenvolvimento humano pelas relações sociais, propõe a brincadeira como principal atividade geradora do desenvolvimento em crianças pequenas, defendendo que a brincadeira é uma atividade social, humana, que supõe contextos sociais e culturais a partir dos quais a criança recria a realidade através da utilização de sistemas simbólicos específicos, e ao mesmo tempo, é uma atividade própria da infância (WAJSKOP, 2007).

As atividades consideradas lúdicas, representadas pelos jogos, brinquedos e dinâmicas diversas, são manifestações presentes no cotidiano das pessoas e, portanto, na sociedade desde o início da humanidade, de forma que todo ser humano sabe o que é brincar, como se brinca e por que se brinca (SANTOS, 2002).

Kishimoto (1998) afirma que o jogo, os brinquedos e as brincadeiras são termos que acabam se misturando e que as diversas brincadeiras e jogos, faz-de-conta, jogos simbólicos, sensório motores, intelectuais, individuais, coletivos, dentre outros mostram as multiplicidades das categorias de jogos. Para a autora há uma especificidade em relação ao brinquedo que supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regra que organiza sua utilização. Para essa mesma autora, o uso do brinquedo ou jogo educativo com fins pedagógicos remete-nos para a relevância desse instrumento para situações de ensino-aprendizagem e de desenvolvimento infantil. Se considerarmos que a criança aprende de modo intuitivo adquire noções espontâneas, em processos interativos envolvendo o ser humano inteiro com suas

³ Excluiu-se aqui a acepção do sentido figurado.

cognições, afetividade, corpo e interações sociais, o brinquedo desempenha um papel de grande relevância para desenvolvê-la.

Nesse sentido, brincar não é apenas uma forma de preencher o tempo, mas uma maneira de colocar a criança de frente com o objeto, muito embora nem sempre a brincadeira envolva um objeto, pois o brinquedo possibilita o desenvolvimento total da criança, já que ela se envolve afetivamente no seu convívio social. A brincadeira faz parte do mundo da criança e nesse momento ela experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o grupo. Desse modo, o brincar é uma das formas de linguagem que a criança usa para entender e interagir consigo mesma e com os outros e o próprio mundo (BUENO, 2010).

Nenhuma criança brinca só para passar o tempo, sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas, ansiedades. O que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos (GARDNEI apud FERREIRA; MISSE; BONADIO, 2004).

Os autores defendem que o ato de brincar sempre tem uma significação que podem dizer mais do que uma simples brincadeira, ou seja, a forma como a criança brinca mostra o que passa em seus pensamentos.

A brincadeira proporciona à criança um contato com sentimentos de alegria, sucesso, realizações de seus desejos, bem como o sentimento de frustração. Esse jogo de emoções a ajuda a estruturar sua personalidade e a lidar com angústias (ROLIM, GUERRA E TASSIGNY, 2008). Dessa forma o ato de brincar prepara as crianças para futuras atividades de trabalho: evoca atenção e concentração, estimula a autoestima e ajuda a desenvolver relações de confiança consigo e com os outros. Colabora para que a criança trabalhe sua relação com o mundo, dividindo espaços e experiências com outras pessoas (ROLIM, GUERRA e TASSIGNY, 2008).

Segundo Lima (2013):

Brincar é uma experiência que possibilita a criança demonstrar sua personalidade, e conhecer melhor a si mesma e nas relações com os

outros durante as brincadeiras a criança se socializa e aprende a conviver com as pessoas (LIMA, 2013, p. 30).

Para esse autor além das crianças expressarem seus pensamentos através das brincadeiras, elas também podem melhorar a forma com que convivem com as pessoas uma vez que as brincadeiras permitem uma maior socialização.

Segundo Oliveira (2000), o brincar caracteriza-se como uma das formas mais complexas da criança em comunicar-se consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento dá-se por meio de trocas experimentais mútuas estabelecidas durante toda sua vida. Assim, através do brincar, a criança desenvolve capacidades importantes, como a atenção, a memória, a imitação, a imaginação, entre outros, que propiciam à criança o desenvolvimento de determinadas áreas da personalidade, como a afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade.

De acordo com Vygotsky (1987):

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos (VYGOTSKI, 1987, p.35).

Para Vygotsky (1987), a partir das brincadeiras ocorre uma melhoria no desenvolvimento da imaginação, interpretação e da socialização, de forma que as crianças entram em contato com esses processos de forma espontânea.

Complementando essa ideia, encontramos em Piaget (1998 *apud* LIMA, 2013) a afirmação de que brincando, a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e confere habilidades, de modo a desvendar o mundo, se comunicar e se inserir em um contexto social.

Ainda de acordo com Piaget (1998 *apud* LEAL, 2011), o brinquedo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral. Através do brinquedo é que se processa a construção de conhecimento, principalmente nos períodos

sensorio-motor e pré-operatório⁴. Agindo sobre os objetos, as crianças, estruturam seu espaço e seu tempo, desenvolvendo a noção de casualidade, chegando à representação e, finalmente, à lógica. As crianças ficam mais motivadas para usar a inteligência, pois querem jogar bem, esforçam-se para superar obstáculos tanto cognitivos como emocionais.

As crianças utilizam o brinquedo para externar suas emoções, construindo um mundo a seu modo e, dessa forma, questionam o universo dos adultos. Não é uma tentativa de fuga da realidade, mas, sim, uma busca por conhecê-la cada vez mais. No brincar, a criança constrói e recria um mundo onde seu espaço esteja garantido. As pressões sofridas no cotidiano de uma criança são compensadas por sua capacidade de imaginar; assim, fantasias de super-heróis, por exemplo, são construídas. (MELO e VALLE, 2005).

Segundo Melo e Valle (2005) é por meio da ação lúdica dos brinquedos que a criança expressa sua realidade, ordenando e desordenando, construindo e desconstruindo um mundo que lhe seja significativo e que corresponda às necessidades fundamentais para seu desenvolvimento global, e também segundo esses autores o brincar estimula a criança em várias dimensões, como a intelectual, a social e a física, sendo que a brincadeira a leva para novos espaços de compreensão que a encorajam a prosseguir, a crescer e a aprender.

De acordo com Almeida (2005):

A brincadeira se caracteriza por alguma estruturação e pela utilização de regras. A brincadeira é uma atividade que pode ser tanto coletiva quanto individual. Na brincadeira a existência das regras não limita a ação lúdica, a criança pode modificá-la, ausentar-se quando desejar, incluir novos membros, modificar as próprias regras, enfim existe maior liberdade de ação para as crianças (ALMEIDA, 2005, p. 5).

Para esse autor, o fato das brincadeiras terem regras e uma organização, as crianças podem desde cedo terem contato com esses aspectos, além de serem

⁴ O período sensorio-motor é aquele que a partir de reflexos neurológicos básicos, o bebê começa a construir esquemas de ação para assimilar mentalmente o meio e também é marcado pela construção prática das noções de objeto, espaço, causalidade e tempo. O período pré-operatório é aquele que surge, na criança, a capacidade de substituir um objeto ou acontecimento por uma representação e esta substituição é possível graças à função simbólica.

capazes que montar suas próprias regras e como a brincadeira será desenvolvida, possuindo dessa forma uma maior autonomia.

Como podemos observar até aqui, existem diversas concepções e observações sobre o brincar, de acordo com diferentes autores, uma vez que devemos levar em conta o contexto em que a atividade está ocorrendo e o que ela está acrescentando na vida da criança e por isso essas concepções devem estar inseridas no contexto educacional.

Sendo assim, concordamos com Wajskop (2007) que o ambiente escolar deve privilegiar a presença do brincar, já que esse se configura como uma comunidade onde diferentes personagens interagem de maneira que sempre há troca de saberes, há também a convivência entre professores, alunos, pais e funcionários proporcionando experiências para a vida dessas crianças e por isso se torna um ambiente ideal no processo educacional, principalmente nos quais envolvem as brincadeiras (WAJSKOP, 2007). E segundo esse autor:

A brincadeira encontra um papel educativo importante na escolaridade das crianças que vão se desenvolvendo e conhecendo o mundo nesta instituição que se constrói a partir exatamente dos intercâmbios sociais que nela vão surgindo: a partir das diferentes histórias de vida das crianças, dos pais e dos professores que compõem o corpo de usuários da instituição e que nela interagem cotidianamente (WAJSKOP, 2007, p.26).

Diante dessas referências teóricas encontramos no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI,1998) o destaque para a importância do brinquedo:

Os brinquedos são componentes ativos do processo educacional que refletem a concepção de educação assumida pela instituição. Constituem-se em poderosos auxiliares da aprendizagem. Sua presença desponta como um dos indicadores importantes para a definição de práticas educativas de qualidade em instituição de educação infantil (BRASI, 1998, p.67).

Ou seja, legalmente o brincar deve estar presente nas instituições de educação Infantil, como componente essencial do processo educativo, pois

permitem o desenvolvimento integral da criança fornecendo aprendizagem ricas e lúdicas. E é por essa razão que a Base Nacional Comum Curricular, BNCC (BRASIL, 2017) apresenta a brincadeira junto com as interações como eixos estruturantes que devem ser assegurados durante toda a primeira etapa da Educação Básica, ou seja, a Educação Infantil, de 0 a 5 anos, permitindo o desenvolvimento e aprendizagem considerando os seis campos de experiência⁵, pois

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BRASIL, 2017, pág.35)

Dessa forma, é correto afirmar que o brincar tem a função socializadora e integradora, porém de acordo com SILVA e SANTOS (2009) a sociedade moderna cada vez mais tem sofrido transformações em relação ao brincar e ao espaço que se tem para brincar, os pais e os filhos têm pouco tempo para ficarem juntos e brincar. Dessa forma, as instituições escolares acabam como a única fonte transmissora de cultura, onde ainda existem espaços para as crianças brincarem, tendo os profissionais de educação a incumbência de ensinar e resgatar as brincadeiras populares, procurando utilizá-lo no cotidiano como uma nova forma de transmitir conhecimento (SILVA e SANTOS, 2009).

Enfim, como foi o brincar auxilia profundamente a criança no processo de aprendizagem, principalmente considerando a criança pequena de 0 a 5 anos, dessa forma, é imprescindível a utilização de brincadeiras no meio pedagógico. E considerando o objetivo deste trabalho em relacionar o brincar com o desenvolvimento da oralidade é necessário compreender o universo da oralidade para dar continuidade no trabalho.

2- Oralidade: compreendendo as características desse processo.

⁵ A BNCC da Educação Infantil está organizada em seis campos de experiência: eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Ao nos referirmos à oralidade, logo pensamos na capacidade do indivíduo se comunicar e transmitir seus pensamentos por meio da linguagem oral. Dessa forma, podemos compreender a oralidade como a capacidade de comunicação que está presente nos diversos momentos da vida dos seres humanos e que permite o desenvolvimento das interações e da explicitação de seus interesses e opiniões de forma a ampliar sua participação na sociedade que se encontra.

Para Santos e Farago (2015) a oralidade pode ser considerada como um processo pelo qual as crianças devem passar durante seu processo de aprendizagem. De acordo com os autores, a linguagem oral é um instrumento essencial para que as crianças possam ampliar as experiências e aprendizagens possibilitando a inserção e a participação nas diversas práticas sociais fazendo uso no cotidiano escolar e não apenas em casa, pois as instituições de educação infantil que é o lugar em que a criança passa a maior parte do dia, tendo contato com outras crianças e adultos.(SANTOS e FARAGO, pág. 113)

Diante disso, nos apoiamos em Marcuschi (2001), que defende que a oralidade é uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora: ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos vários contextos de uso, visando a comunicação entre as pessoas.

Sendo a oralidade uma prática social essencial na vida dos seres humanos, principalmente considerando a interação e a comunicação, e considerando que a linguagem se desenvolve nos primeiros anos de vida, ou seja, no período da primeira infância é essencial sua presença nos contextos de Educação Infantil.

Neste sentido, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), a linguagem oral está presente no cotidiano e na prática das instituições de Educação Infantil à medida que todos que dela participam (crianças e adultos) falam, se comunicam entre si, expressando sentimentos e ideias e, bem como, a possibilitando a troca de ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciando o outro e estabelecendo relações interpessoais, estimulando a interação e o aprendizado, já que a descoberta do mundo em sua volta acontece considerando nessa interação com os outros e com os objetos e o mundo que o rodeia, mediados especialmente pela linguagem verbal. Ou seja,

concordamos com Vygotsky (1985; 2002) que afirma que todo contato que a criança estabelece com o mundo é sempre mediado pela linguagem.

Neste contexto, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009):

Dentre os bens culturais que as crianças têm o direito a ter acesso está a linguagem verbal, que inclui a linguagem oral e escrita, instrumentos básicos de expressão de ideias, sentimentos e imaginação. A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado e continuamente trabalhado (BRASIL, 2009, p. 15).

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais (2009) observamos o direcionamento para o trabalho em torno da linguagem, seja oral ou verbal, o que pressupõe o planejamento didático para a realização de um trabalho que estimule e objetive o desenvolvimento e aperfeiçoamento da oralidade, com a construção de situações didáticas que permitam a experimentação comunicativa, com destaque para as rodas de conversa, contação de história e as brincadeiras, entre outras.

Para AUGUSTO (2011), a relação da criança com a linguagem supõe uma relação com o outro, no caso da instituição escolar, seja ela infantil ou fundamental, é o professor que representa esse outro, se tornando responsável pela mediação intencional da linguagem, se tornando um modelo e exemplo para as crianças e um incentivador por meio da língua que apresenta às crianças. Por essa razão o papel do adulto na mediação dos discursos é essencial, uma vez que defende que toda a comunicação se faz na interação (AUGUSTO, 2011, pág.54).

Assim, a comunicação oral, nas mais diversas formas de expressão, formal ou informal, oportuniza as crianças uma imersão na expressividade da sua língua (AUGUSTO, 2011), pois desde o seu nascimento, as crianças entram em contato com a linguagem e oral e também tentam se expressar de alguma forma através da vocalização.

Muito cedo, os bebês emitem sons articulados que lhes dão prazer e que revelam seu esforço para comunicar-se com os outros. Os adultos e crianças mais velhas interpretam essa linguagem peculiar, dando sentido à comunicação dos bebês. A construção da linguagem oral implica, portanto, na verbalização e na negociação de sentidos estabelecidos entre pessoas que buscam comunicar-se. Ao falar com os bebês, os adultos, principalmente, tendem a usar uma linguagem simples, breve e repetitiva, que facilita o desenvolvimento da linguagem e da comunicação (BRASIL, 1998, p. 125).

Desde as vocalizações e as tentativas de comunicação, utilizando brincadeiras e interações as crianças vão se apropriando da linguagem oral, ou seja, vão se desenvolvendo e entendendo as significações e construindo suas representações. Dessa forma a comunicação entre crianças e adultos apresenta um papel essencial para o desenvolvimento completo da oralidade. Sendo assim, aprender a falar, portanto, não consiste apenas em memorizar sons e palavras. A aprendizagem da fala pelas crianças não se dá de forma desarticulada com a reflexão, o pensamento, a explicitação de seus atos, sentimentos, sensações e desejos e a construção da linguagem oral não é linear e ocorre em um processo de aproximações sucessivas com a fala do outro, seja ela do pai, da mãe, do professor, dos amigos ou aquelas ouvidas na televisão, no rádio (BRASIL, 1998, p. 125 e 126).

Nas inúmeras interações com a linguagem oral, as crianças vão tentando descobrir as regularidades que a constitui, usando todos os recursos de que dispõem: histórias que conhecem, vocabulário familiar etc. Assim, acabam criando formas verbais, expressões e palavras, na tentativa de apropriar-se das convenções da linguagem (BRASIL, 1998, p. 126).

Ou seja, é por meio de experimentações que as crianças descobrem os significados sociais das palavras e as representações dessas nas práticas sociais, por esse razão é fundamental que o professor seja um profissional consciente dessa importância e que realize o planejamento de boas situações de comunicação que permitam a ampla exploração pelas crianças da linguagem e a vivência significativa, respeitando suas características individuais e estimulando seu desenvolvimento.

Portanto para Costa; Guimarães; Rosseti-Ferreira (2003), falar e pensar, portanto, não se aprende sozinho, mas na interação com outros. Assim, falar sobre

as coisas com os outros ajuda a criança a pensar sobre elas e a desenvolver sua linguagem e seu pensamento. Nesse sentido encontra-se o papel dos educadores, uma vez que eles possuem total influência no processo de construção da linguagem de seus alunos e são os responsáveis por desenvolverem atividades que valorizem a construção desse conhecimento.

Neste sentido, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), a ampliação de suas capacidades de comunicação oral ocorre gradativamente, por meio de um processo de idas e vindas que envolvem tanto a participação das crianças nas conversas cotidianas, em situações de escuta e canto de músicas, em brincadeiras etc., como a participação em situações mais formais de uso da linguagem, como aquelas que envolvem a leitura de textos diversos, uma vez que a leitura pelo professor de textos escritos, em voz alta, em situações que permitem a atenção e a escuta das crianças, seja na sala, no parque debaixo de uma árvore, antes de dormir, numa atividade específica para tal fim etc.. Esse tipo de atividade fornece às crianças um repertório rico em oralidade e quando estimulada na reflexão permite o contato direto com a escrita e o estabelecimento das relações. Isso significa que o professor deve ampliar as condições da criança de manter-se no próprio texto falado. Para tanto, deve escutar a fala da criança, deixando-se envolver por ela, ressignificando-a e resgatando-a sempre que necessário (BRASIL, 1998, p. 135).

Diante disso, Augusto (2011) aponta que brincar com as palavras é motivo de diversão para as crianças. Para a autora não é por acaso que as crianças, na Educação Infantil, entram em contato com esse verdadeiro acervo popular, no qual há ações direcionadas, tais como: repetir as parlendas, cirandar ao som das cantigas de roda, desafiar os amigos com as adivinhas e a si próprio com os trava-línguas. Esses são apenas exemplos do uso que as crianças tradicionalmente fazem desse imenso repertório oral, e nesses jogos, elas brincam com as rimas, a cadência das palavras, associações de ideias em um processo de significação de sentidos do qual o adulto, mais uma vez, é peça-chave.

Conversar, narrar, brincar e comunicar-se podem se constituir como eixos fundamentais da organização do trabalho com a linguagem oral na escola, pois, em todos os casos, não faltam oportunidades para

aprender. E tudo vale a pena para tornar o cotidiano das crianças mais falantes (AUGUSTO, 2011, p. 63).

Santos e Farago (2015) afirmam que o trabalho com a oralidade em sala de aula é de extrema importância, a fala é essencial em nossa vida e devemos considerar que o desenvolvimento oral se dá a partir das vivências envolvendo o uso das práticas linguísticas, os professores de Educação Infantil devem planejar e em suas ações pedagógicas conter atividades cotidianas envolvendo a fala, e a reflexão sobre a língua e dessa forma, por meio da expressão oral as crianças ampliam seus universos de comunicação, expressando opiniões e ideias, sentimentos e emoções, argumentam, comunicando-se com maior facilidade.

Neste sentido, podemos concluir que a oralidade é uma habilidade imprescindível para o convívio social em diversas práticas, pois permite a comunicação e a interação com o mundo e com as pessoas que o forma. O professor deve considerar a oralidade como fator essencial fazendo com que os alunos tornem-se sujeitos falantes, participantes da sociedade. Nesse aspecto, a Educação Infantil apresenta extrema importância para o desenvolvimento da oralidade, por isso legalmente é recomendado que um dos objetivos da Educação Infantil seja o desenvolvimento da oralidade, sendo que uma de suas tarefas mais importante seja a de “ampliar, integrar e ser continente da fala das crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante”. (BRASIL, 1998, p. 135).

Entretanto é necessário compreender a oralidade e as atividades que permitem seu desenvolvimento intencional, por isso os autores Santos e Farago (2015) defendem que é necessário discutir sobre a importância e valorização do ato comunicativo das crianças objetivando o pleno desenvolvimento da linguagem. Portanto é essencial perceber que o processo da linguagem oral é dinâmico e necessita de situações e possibilidades altamente significativas, por isso devem ser trabalhadas diariamente.

Enfim, o uso das práticas orais na sala de aula, principalmente durante a Educação Infantil, é de extrema importância para o desenvolvimento da oralidade nessas crianças, o que permitira a participação delas nos meio social, uma vez que poderão se comunicar. E cabe ao professor intermediar e intervir nos processos que são capazes de estimular a oralidade dessas crianças, assim como ajustar as

dinâmicas conforme o ritmo de cada criança, observando sempre o desenvolvimento delas, detectando as mudanças e avanços.

Por essa razão o campo de experiência “Fala escuta, pensamento e imaginação” apresentam objetivos que serão para facilitar essa compreensão destacaremos no capítulo os objetivos de aprendizagem com foco na oralidade e as possíveis recomendações para o trabalho escolar.

3- Os objetivos educacionais com foco na oralidade e o trabalho docente na Educação Infantil

A escola é o lugar onde as crianças organizam e constroem seus conhecimentos e comportamentos, interagindo com os objetos ao seu redor, com as experiências vividas com os outros alunos, juntamente com a mediação do professor. Dessa forma observamos que o professor é a peça chave no processo de desenvolvimento dos alunos, sendo que ele deve se preocupar com as atitudes e comportamentos dessas crianças, estimulando-os sempre, organizando situações que promovam a aprendizagem.

Como foi definido no tópico anterior, a oralidade é desenvolvida a partir de estímulos ao processo de aprendizagem e apropriação da linguagem oral, que é um instrumento essencial para que as crianças possam ser inseridas e a participar plenamente das práticas sociais.

Dessa forma, trabalhar a oralidade em sala de aula é de extrema importância, uma vez que a comunicação com o outro ou até mesmo sozinho, potencializa o próprio processo de aprendizado. E neste sentido, Barbato (2008) destaca a relevância da fala para a compreensão e significação: “No interesse de conhecer o mundo que a cerca, a criança muitas vezes fala alto para se regular e regular o andamento da atividade que está desenvolvendo, desencadeando aspectos do lúdico em favor do aprendizado.” (BARBATO, 2008, pág. 31)

A autora ressalta ainda a importância da inserção de atividades lúdicas como suporte para a aprendizagem, sendo que as crianças de 6 anos constroem seu conhecimento, utilizando procedimentos lúdicos como suporte para a aprendizagem. Diante disso, considerando o desenvolvimento da oralidade encontramos as

brincadeiras de roda e as tradicionais cantigas como ferramentas indispensáveis ao professor na Educação Infantil.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, o trabalho com a oralidade nesta etapa de ensino deve propiciar, “o contato com o maior número possível de situações comunicativas e expressivas resulta no desenvolvimento das capacidades linguísticas das crianças”. (BRASIL, 1998, p. 134) Por essa razão o professor deve planejar e construir situações em que a criança possa se comunicar oralmente e transmitir mensagens imitando sonoramente suas ideias.

Sendo assim,

[...] quanto mais às crianças puderem falar em situações diferentes, como contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa (BRASIL, 1998, p.121).

Porém, antes dessas situações é imprescindível o estímulo ao desenvolvimento da fala, com o uso de brincadeiras e interações pois, “através das brincadeiras e interação com os adultos, os bebês incorporam as vocalizações rítmicas, revelando o papel comunicativo, expressivo e social que a fala desempenha desde cedo” (BRASIL, 1998, p. 125). Por isso na Educação Infantil o trabalho será direcionado para as diferentes características e fases da infância, já que “a construção da linguagem oral implica, portanto, na verbalização e na negociação de sentidos estabelecidos entre pessoas que buscam comunicar-se.” (BRASIL, 1998, p. 125).

Por esse motivo a BNCC, Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), organizou os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento na primeira etapa da Educação Básica em três faixas etárias distintas:

- Bebês: zero a 1 ano e 6 meses
- Crianças bem pequenas: 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses
- Crianças pequenas: 4 anos a 5 anos e 11 meses

Considerando a organização da BNCC (2017) observamos que a oralidade estaria presente na realização dos trabalhos em tornos de todos os cinco campos de experiências⁶, já que ela permeia toda interação presente nesta fase.

Porém, consideramos o foco da oralidade analisaremos de forma aprofundada o campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, focando os objetivos de aprendizagem que explorem a oralidade. Esse campo de experiência enfatiza que desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem, considerando que progressivamente, as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão.

Na faixa etária bebês, os objetivos de aprendizagem apresentados que focam o desenvolvimento da oralidade são:

EI01EF05- Imitar as variações de entonação e gestos realizados pelos adultos, ao ler histórias e ao cantar;

EI01EF06- Comunicar-se com outras pessoas usando movimentos, gestos, balbucios, fala e outras formas de expressão; (BRASIL, 2017, pág.48).

Ou seja, o trabalho pedagógico com bebês possuem entre outros objetivos a comunicação e a imitação oral permitindo o desenvolvimento gradual. Assim, na faixa etária posterior, 1 ano e 7 meses até 3 anos e 11 meses, ou seja crianças pequenas, se prevê os seguintes objetivos em torno da oralidade:

EI02EF01- Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões;

EI02EF05- Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidos etc.;

EI02EF06- Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos (BRASIL, 2017, pág.48).

⁶ A Base estabelece Cinco Campos de Experiência para a Educação Infantil, que enfatizam as experiências fundamentais para que a criança desta faixa de ensino possa aprender e se desenvolver. Esses campos de experiência apresentam conceitos, habilidades, atitudes, valores e afetos que as crianças devem desenvolver dos 0 aos 5 anos. Os cinco campos de conhecimento são: Eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações. (BRASIL, 2017)

Podemos perceber que nessa fase a exploração da oralidade se torna mais apurada, permitindo o domínio das relações essenciais para a oralidade. Essa competência será aprimorada de modo aprofundado na faixa etária posterior em que,

EI02EF01- Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão;

EI03EF04-Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história;

EI03EF05- Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba;

EI03EF06- Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa. (BRASIL, 2017, pág.48).

Nesta faixa etária observamos que os conhecimentos trabalhados caminham para o trabalho de apropriação do sistema de escrita alfabética bem como, para a compreensão das situações formais e das características linguísticas que serão aperfeiçoadas no período de escolarização posterior, ou seja, o Ensino Fundamental.

Enfim, na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo discutir a partir de um embasamento teórico, como as atividades lúdicas são importantes para o desenvolvimento da oralidade durante os primeiros anos de ensino, apontando o papel fundamental do professor, uma vez que a oralidade faz parte do processo de aprendizagem e as

atividades lúdicas contribuem satisfatoriamente para esse processo de desenvolvimento das crianças.

Neste sentido, observamos a importância do professor conhecer os objetivos de ensino que foquem a oralidade e promover situações em que a oralidade possa ser trabalhada considerando a construção de um ambiente lúdico e de intervenções direcionadas para o aprimoramento das habilidades orais.

Diante das recomendações teóricas destacamos a relevância de situações de ensino que explorem as cantigas, os trava-línguas, as histórias literárias e principalmente as rodas de conversas, nas quais as crianças desta etapa de ensino são imersas e estimuladas a participar de situações reais de comunicação, sendo motivadas a contar sobre suas observações, sentimentos e experiência.

Enfim, a oralidade deve ser amplamente estimulada e trabalhada na educação infantil, permitindo sua construção e seu aperfeiçoamento cotidiano.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **A linguagem oral e as crianças: possibilidades de trabalho na Educação Infantil.** Educação Infantil: diferentes formas de linguagem expressivas e comunicativas. Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. UNIVESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 1, p. 52-64.

ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro de. **O Brincar na Educação Infantil.** Revista Virtual EFArtigos. Natal/RN, 2005.

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **A linguagem oral e as crianças: possibilidades de trabalho na educação infantil.** Educação Infantil: diferentes formas de linguagem expressivas e comunicativas. Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. UNIVESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 1, p. 52-64.

BARBATO, S. B. **Integração de crianças de 6 anos ao ensino fundamental.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BUENO, Elizangela. **Jogos e brincadeiras na Educação Infantil: ensinando de forma lúdica**. 42 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2010.

COSTA, D. M. V., GONTIJO, C. M. M. **A linguagem oral como elemento integrante da brincadeira**. Cadernos de Pesquisa v.41 n.142 jan./abr. 2011.

COSTA; GUIMARÃES; ROSSETTI-FERREIRA. Conversar para aprender a conversar. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. (Org). **Os fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2003. P. 81-83.

FERREIRA, Carolina; MISSE, Cristina; BONADIO, Sueli. **Brincar na educação infantil é coisa séria**. Akrópolis, Umuarama, v. 12, n. 4, p. 222-223, out./dez. 2004.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar e a linguagem. In FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suelly Amaral (Orgs.). **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

LEAL, Florência de Lima. **A importância do lúdico na educação infantil.** Monografia. Universidade Federal Do Piauí – UFPI, 2011.

LEONTIEV, A. N. Os Princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1988. p. 119-142.

LIMA, Bruna Alessandra Silva. **O brincar na educação infantil: O lúdico como estratégia educativa.** Monografia. Universidade de Brasília Faculdade de Educação, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2001.

MELO, Luciana; VALLE, Elizabeth. **O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil.** Psicologia Argumento, Curitiba, v. 23, n. 40, p. 43-48, jan./mar. 2005.

OLIVEIRA, Vera Barros de (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PRIBERAM. Dicionário da Língua Portuguesa, 2008-2013, Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/familia>> consultado em 25-09-2018

PIAGET, J. **A psicologia da criança.** Ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.

RODRIGUES, L. da S. **Jogos e brincadeiras como ferramentas no processo de aprendizagem lúdica na alfabetização.** Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós -Graduação, 2013.

ROLIM, Amanda Alencar Machado; GUERRA, Siena Sales Freitas; TASSIGNY, Mônica Mota. **Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil.** Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez. 2008.

ROSA, A. **Atividades lúdicas: sua importância para a alfabetização**. Curitiba, Juruá Editora, 1998.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SANTOS, M. G. S.; FARAGO, A. C. O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, 2 (1): 112-133, 2015.

SILVA, Aline Fernandes Felix da; SANTOS, Ellen Costa Machado dos. **A importância do brincar na educação infantil**. Universidade Federal Rural Do Rio De Janeiro – UFRRJ, 2009.

SILVA, M. J. da; VALIENGO, A. O desenvolvimento da oralidade na educação infantil. *Revista Interfaces*, Ano 2, nº 2, 2010

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VIGOTSKI, L. S. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. (1933).

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

WAJSKOP, G. **Brincar na pré-escola**. 7. ed- São Paulo: Cortez, 2007.

WAJSKOP, G. **Linguagem Oral e Brincadeira Letrada nas Creches**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1355-1374, out./dez. 2017.